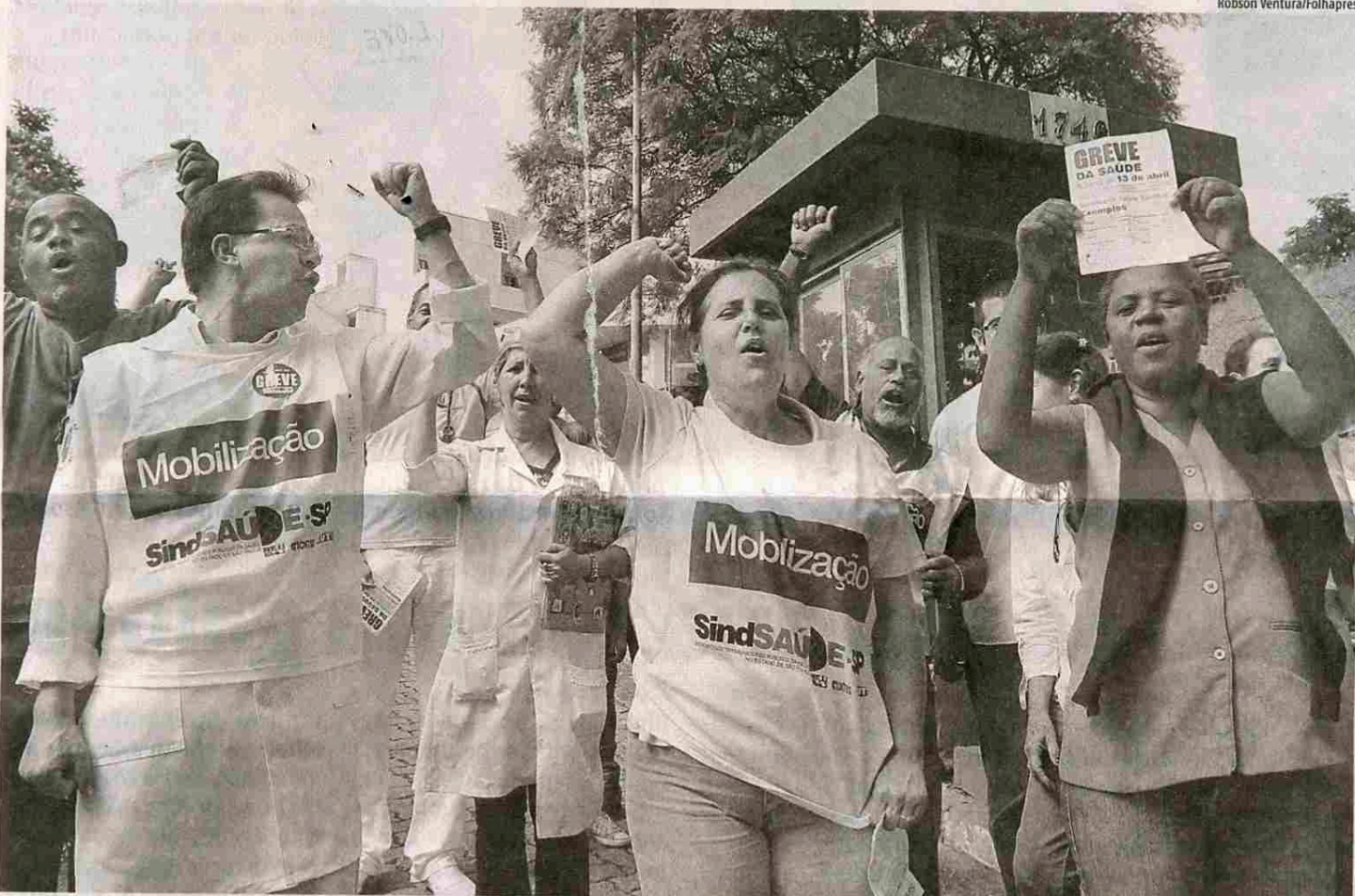


Pacientes são dispensados de hospitais no 2º dia de greve

Agora 18 abril 2012



Robson Ventura/Folhapress

■ Servidores da rede estadual de saúde em greve entoam gritos de guerra em frente ao Hospital Geral da Vila Penteado, na zona norte; paralisação aumentou ontem e pacientes voltaram a lotar unidades municipais

Jovem com apendicite não consegue cirurgia

A estudante Valdineia da Silva Almeida, 20 anos, foi ao Hospital Vila Nova Cachoeirinha às 12h, ontem, com diagnóstico de apendicite feito por um médico em clínica particular. Ouviu de um funcionário que não poderia ser atendida porque havia apenas um cirurgião, que estava em operação.

Orientada pelo mesmo

atendente, a família seguiu ao Hospital do Mandaqui.

Até a conclusão desta edição, ela aguardava na recepção do PS. "Ela passou por exames e o médico disse que tudo indica ser apendicite, mas ficou todo esse tempo com dores, sem medicamento, sentada na cadeira", conta a mãe, a dona de casa Eliete Silva, 37 anos. (SM)

Com dor, paciente fica sem diagnóstico

Com a coluna machucada, a analista de processos Kátia de Oliveira, 42 anos, não conseguiu atendimento no Hospital da Vila Nova Cachoeirinha e foi para casa sem ter resolvido seu problema. Procurou uma AMA na hora do almoço, de onde saiu às 16h, sem diagnóstico. "Não havia ortopedista. Tomei uma injeção contra a

dor e fui liberada."

A Secretaria Municipal da Saúde diz que suas unidades estão de portas abertas.

Também com dores em função de um tombo, a doméstica Marinês da Silva, 31, voltou sem consulta do hospital da Vila Penteado. "Eu iria agora ao Cachoeirinha, mas também está em greve. Vou para casa", diz. (SM)

Mais servidores aderem à paralisação e doentes têm que percorrer unidades por atendimento

No segundo dia de paralisação dos servidores da saúde no Estado, mais funcionários aderiram à greve, o que causou ainda mais problemas para pacientes. Alguns hospitais negaram atendimentos e unidades municipais lotaram.

A greve já tinha reflexos, anteontem, em bairros como o de Pirituba, onde a paralisação do Hospital Geral de Taipas sobrecarregou a AMA Elísio Teixeira Leite. O sindicato diz que 41 instituições pararam, 22 só na capital.

Ontem, pararam instituições como o Hospital Geral de Vila Penteado, na zona norte. Lá, entrava apenas quem tivesse hora marcada para procedimentos como curativos e retorno de cirurgia. Os funcionários avisavam da paralisação logo na entrada do prédio.

Situação semelhante ocorreu no Hospital Vila Nova Cachoeirinha, na mesma região, na zona Norte. O cortador José Carlos de Almeida,

43 anos, passou mal no trabalho e foi levado pelo chefe ao local, mas não obteve atendimento. Os dois foram, então, à AMA Vila das Palmeiras, de onde saíram somente às 14h30.

"Aqui está lotado. Consegui apenas medir a pressão e tomar um remédio. Eles me falaram para vir amanhã e pegar encaminhamento para exames", declara Almeida.

Espera

Na AMA, a espera para consulta variava entre três e quatro horas, segundo os recepcionistas. Além da procura, apenas dois dos três médicos que deveriam constar no expediente estavam presentes, porque um havia pedido demissão.

Muitos dos que foram embora dos hospitais paralisados ouviam dos funcionários indicação para procurar, além da AMA, o PS João Paulo, outra unidade municipal.

No PS, a recepção estava abarrotada. A dona de casa Suleni Salazar, 29 anos, já tinha passado horas no Hospital da Vila Penteado. "Fiquei toda a manhã atrás de um pediatra para minha filha de 5 anos, que está com febre e dor de ouvido." (Simeir Moraes)

RESPOSTA

"Atendimento foi normal"

A Secretaria de Estado da Saúde diz que apenas cinco unidades estão em greve. Na capital, estariam o Hospital Geral de Vila Penteado e o Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids. No interior, seriam o Hospital Guilherme Álvaro (Santos), Hospital Regional de Assis e Hospital Estadual de Mirandópolis.

A reportagem informou que esteve em outras unidades em greve, mas a secretaria não se manifestou sobre isso.

Por meio de nota, o governo classifica como "absurda" a informação de que ontem havia só um cirurgião em atividade no Cachoeirinha. Diz ainda que o atendimento à população foi normal, apesar dos manifestantes na portaria. A secretaria diz que mantém diálogo com os trabalhadores e orienta a população a entrar nos hospitais mesmo se funcionários avisarem sobre a greve. (SM)

Movimento não tem data para acabar

A greve dos servidores estaduais da saúde não tem previsão de término. "O movimento está apenas começando", disse ontem Benedito Augusto de Oliveira, presidente do SindSaúde.

A categoria reivindica aumento salarial, reestruturação de plano de carreira e reajuste no vale-alimentação para R\$ 25 diários. Em função do valor atual de R\$ 4, a categoria apelida o benefício de "vale-coxinha".

De acordo com Oliveira, a negociação com o governo

do Estado ainda não avançou. "Esperamos nos reunir com eles pelo menos até a próxima semana", comenta.

O sindicalista diz que servidores vão fazer atos em frente ao Hospital das Clínicas de São Paulo e ao Instituto Emílio Ribas, durante a manhã de hoje. Segundo a coordenação da greve, os servidores do HC farão assembleia amanhã para decidir se também paralisam atividades. "Lá é caso mais complicado pelo próprio tamanho do hospital", diz. (SM)

Os pedidos

Principais reivindicações dos servidores estaduais da saúde:

- Aumento de 26% nos vencimentos totais (salário base + gratificações)
- Vale-alimentação de R\$ 25 por dia (o atual, chamado pelos servidores de "vale-coxinha", é de R\$ 4)
- Aposentadoria especial
- Jornada de 30h para trabalhadores administrativos
- Revisão da lei do plano geral de cargos

O governo não se manifestou oficialmente sobre as reivindicações até a conclusão desta edição

Fontes: SindSaúde e reportagem



Prefeitura diz estar de portas abertas

Questionada se há necessidade de reforço no quadro médico das AMAs e dos prontos-socorros que recebem pacientes de hospitais em paralisação, a Secretaria Municipal da Saúde afirmou que "os serviços da rede de Assistência Médica Ambula-

torial (AMA) e de prontos-socorros municipais operam de portas abertas e trabalham para assistir a todos que buscam por atendimento".

A pasta não se pronunciou sobre o reflexo da greve dos servidores do Estado nas unidades municipais. (SM)